

Dora Vianna Vasconcellos¹

Maria Isaura Pereira de Queiroz: uma interpretação sobre o desenvolvimento brasileiro e seus processos de inovação social

Este artigo, dedicado à sociologia política de Maria Isaura Pereira de Queiroz, intenta mostrar que o estudo do campesinato brasileiro feito pela autora contém uma interpretação sobre o desenvolvimento brasileiro e os seus processos de inovação social. Este é, sobretudo, um estudo da dimensão política da sociologia de Maria Isaura que, com sua abordagem eminentemente sociológica sobre o mundo rústico, produziu uma teoria política original acerca de como se processa a mudança social no Brasil. Ao eleger as categorias da parentela e de bairro rural² como estruturantes do mundo rural tradicional, ela fornece uma nova visão para o entendimento tanto do conservadorismo, quanto das condições de reforma e revolução no Brasil.

Na sociologia política de Maria Isaura a atenção é dedicada ao mundo rústico e ao tipo de religiosidade, sociabilidade, cultura, economia e inserção que este possui na sociedade brasileira. Entretanto, sua teoria dos sitiantes inclui também avaliação sobre o processo de modernização, e explicação de como se processa a mudança social no país, que, segundo a pesquisadora, possuía uma estrutura socioeconô-

¹ Mestre em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS/UFRJ e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - CPDA/UFRRJ, Brasil. E-mail: doravasconcellos@ig.com.br.

² Parentela é usada aqui na acepção que a autora adota, ou seja, designando o imbricamento ou conjugação relativa e parcial que unia de alto a baixo as famílias estratificadas às não estratificadas em grupamentos verticais. Aí se incluiria, portanto, o povoamento dos bairros rurais que, por serem homogêneos do ponto de vista da estratificação social, são também chamados com o significativo nome de parentelas não estratificadas (QUEIROZ, 1969).

mica rural tradicional até as décadas de 1950 e 1960. Por isso, em sua análise, os sítiantes constituem o objeto privilegiado da compreensão da sociedade brasileira (QUEIROZ, 1976a). A singularidade da obra de Maria Isaura resulta de uma teorização que conjuga a preocupação com os fenômenos empíricos à escolha de um arcabouço teórico que a ajuda a ter uma apreensão sociológica da realidade brasileira. Trata-se, sem dúvida, de uma análise que vai além do estudo do mundo rural rústico e que tece considerações sobre a sociedade brasileira com perspectiva global.

Apesar de não considerar a produção do ensaísmo como lacunar ou incompleta, a autora se distingue dessa tradição, ao explicitar a necessidade da neutralidade e da sistematização dos dados empíricos. Ao fazer isso, ela funda uma tradição sociológica que é cética quanto aos modelos, paradigmas e padrões teóricos puramente abstratos e generalizantes, assim como elege a observação rigorosa da experiência humana em resposta às suas indagações. Para a pesquisadora, as contribuições teóricas generalizantes são fundamentais, mas estão longe de ser conclusivas, pois é preciso que o pesquisador capte a vida humana no modo como ela se processa diariamente, fundamentando-se em pesquisa empírica, análise de documentos e entrevistas. É esse procedimento empírico-sociológico que distingue a obra de Maria Isaura da geração intelectual precedente, do ensaísmo (QUEIROZ, 1978).

Sua filiação teórico-metodológica elege não apenas autores do pensamento social brasileiro como pilares para sua teoria, como Euclides da Cunha, Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Silvo Romero, Manuel Querino, Antonio Candido; inclui também autores estrangeiros, como Roger Bastide, Georges Gurvitch, Marcel Mauss etc. É com esse arcabouço teórico que Maria Isaura procura superar as interpretações dualistas comuns a seus predecessores.

A caracterização do meio rural tradicional é outro fator que explica a originalidade da teoria de Maria Isaura. A imagem que ela tece da sociabilidade, da cultura, da religiosidade e da economia camponesas desemboca nas categorias centrais de parentela e bairro rural. É a partir dessas duas noções que identifica uma estrutura social global tradicional, define a posição do sítiante no interior da sociedade brasileira e o modo como se processava o desenvolvimento e a mudança social no país (QUEIROZ, 1975).

Ancorada nas categorias de bairro rural e cultura rústica, a teoria de Maria Isaura apresenta paralelos com a perspectiva desenvolvida por Antonio Candido em *Os parceiros do rio Bonito* (1964). Neste livro,

o sociólogo se vale dos mesmos conceitos para estudar os meios e modos de vida do caipira paulista.

O conceito de cultura rústica utilizado por Antonio Candido (tal qual como o foi em Maria Isaura) baseia-se na perspectiva de Robert Redfield, de que é possível a combinação mais ou menos estável de cultura civilizada e cultura primitiva. Tanto Candido como Maria Isaura parece considerar que os caipiras paulistas seriam um exemplo estável de manifestação de uma cultura formada do amálgama da tradição indígena com a tradição europeia. Todavia, diferentemente de Maria Isaura, Antonio Candido afirma que a cultura rústica caipira na modernidade tornou-se desprovida de elementos dinâmicos capazes de suscitar a sua adaptação à sociedade envolvente. Embora a economia de subsistência garanta ao homem caipira um mínimo de autonomia, o inevitável contato com a sociedade mais ampla estaria resultando, necessariamente, na destruição de sua cultura (CANDIDO, 1987). Segundo o autor, a população rústica caipira possuía ajustamentos tão precários que qualquer alteração social e cultural, por mínima que fosse, promoveria mudanças radicais em seu modo de ser pouco adaptado às transformações mais amplas. Para o autor, a cultura caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso tal como este se anunciou na sociedade brasileira: a modernização implicava o fim da povoação campestre, pois a modificação da vida econômica impedia a manutenção de uma economia fechada, de subsistência, como era a do caipira (LEITE, 2002).

Embora a teoria de Maria Isaura se aproxime da de Antonio Candido, ela apresenta uma visão sobre grupos rústicos um pouco diferente. Apesar de escolher também como objeto de análise a população do interior de São Paulo, ela chega a conclusões opostas. Maria Isaura reconhece uma maior capacidade de adaptação das populações rústicas ao processo de modernização e urbanização a partir da década de 1960, porque constatou que, por meio de seus próprios elementos dinâmicos, geravam autotransformações na busca da melhoria de sua vida (CARVALHO, 2010).

Ao reconhecer a capacidade de adaptação e acomodação das populações rústicas, Maria Isaura não nega, contudo, que o processo de modernização provocava uma alteração dos meios e modos de vida dos grupamentos rústicos que poderia levá-los à extinção. A resposta que dá à indagação sobre se os sítios tradicionais estariam condenados à desorganização socioeconômica, com o advento do processo de modernização, é a de que não havia um comportamento-padrão quanto ao modo de reagir aos processos de transformação em curso

a partir da década de 1960. Os sitiantes tradicionais tanto se adaptavam a esse processo, utilizando-se do cabedal de sua própria cultura, quanto reagiam de forma incongruente às transformações socioeconômicas promovidas pela modernização, desenvolvendo comportamentos que geravam sua autodestruição (REZENDE, 2007).

Municiada dessas duas hipóteses, Maria Isaura nega as teses de que o processo de urbanização e modernização do campo promovia necessariamente a homogeneização das diversas esferas sociais. O aprofundamento do capitalismo no Brasil não promovia necessariamente a abolição das especificidades socioculturais comuns à sociedade brasileira afeita às relações de vizinhança. Seu estudo sobre a reação das populações rústicas ao processo modernização e a consideração da possibilidade de sua persistência fundamenta sua hipótese central: no Brasil, não havia uma oposição rígida entre tradicional e moderno (QUEIROZ, 1976b). As atitudes tradicionais dos camponeses podiam, segundo ela, se converter em um mecanismo de acomodação ao processo de desenvolvimento tecnológico e ao aprofundamento do capitalismo, como também resultar em sua marginalização desse processo, promovendo sua ruína.

A possibilidade de coexistência entre surto industrial e cultura caipira foi demonstrada por Queiroz através da dinâmica engendrada pelos chamados bairros rurais. Em seu livro *Bairros rurais paulistas* (1963), ela faz um estudo sobre a socialização dos sitiantes tradicionais e modernos e sobre sua inserção na sociedade brasileira. Ela chega à conclusão de que tanto um quanto outro, independentemente da orientação que davam à produção, continuavam seguindo, apesar do aprofundamento do capitalismo no país, o padrão tradicional caipira de crenças e valores que tem como base os bairros rurais. Deste modo, identifica dois tipos de bairros rurais: o tradicional composto por camponeses, e o moderno, formado por agricultores que comercializavam sua produção, mas que também adotavam a dinâmica social mantida no interior dos bairros rurais. Ambos, a despeito de sua diferença no comportamento econômico, apresentavam a mesma cultura, a caipira. Esse fato comprovava que as relações de trabalho e as relações sociais, alicerçadas pelas ligações vicinais, permitiam que a população caipira fosse regulada ao mesmo tempo pelos princípios da população rústica e pelos princípios do modo de ser moderno. Afinal, tanto camponeses praticantes de uma economia fechada, como agricultores modernos, praticantes de uma economia aberta, adotavam a mesma cultura rústica. A mudança no comportamento econômico dos sitiantes não implicava a ruína da população campe-

sina (WANDERLEY, 1994). A partir deste estudo sobre bairros rurais paulistas, Maria Isaura conclui que esse tipo de organização social permitia a coexistência de um modo de vida tradicional, associado às relações de vizinhança, e de um modo de vida moderno, mais afeito à racionalidade econômica (REZENDE, 2007).

O entrelaçamento entre tradicional e moderno, formando um todo dotado de organicidade, era comprovado por meio de outra configuração social: a da parentela. Maria Isaura utiliza essa categoria em seu estudo sobre *O mandonismo local na vida política brasileira* (QUEIROZ, 1969; 1976c). A parentela seria a prova viva de que arcaísmos e tradicionalismos sobreviviam ao moderno, no Brasil, dando ao país uma roupagem específica. Esse tipo de organização social gestado nos tempos coloniais perdurou após os acontecimentos de 1889 e 1930, começando a ser abalado somente depois do processo de modernização da década de 1960³. Maria Isaura chega à conclusão de que as relações de dependência assimétrica produziam, na vida política, a indistinção entre as esferas pública e privada, e, na vida social, as parentelas não estratificadas ou os bairros rurais, bem como as parentelas estratificadas de estrutura piramidal (QUEIROZ, 1976d). Nessa articulação relativa entre bairros rurais e parentela a autora situa a possibilidade de sobrevivência das relações sociais de vizinhança na modernidade capitalista (QUEIROZ, 1972).

Por meio desses dois conceitos, de bairro rural e de parentela, Maria Isaura assinala que as transformações no Brasil ocorrem por acomodações sucessivas e não por saltos abruptos. A parentela, com toda sua fluidez e capacidade de acomodação e permanência, surgia não apenas como o principal expoente do tipo de dinâmica que nosso país enseja, mas também como a célula principal de nosso desenvolvimento. O bairro rural, por sua vez, por coadunar parcialmente com a dinâmica da parentela, abria espaço para a barganha política entre atores desiguais. Com isso, Maria Isaura elabora uma análise sobre a dependência pessoal que não segue o mesmo estatuto da teoria do patriarcalismo. Uma das maiores contribuições de sua obra reside justamente nesse novo olhar que ela lança sobre as relações de dependência pessoal no campo (CARVALHO, 2010). Por isso, cabe acentuar a dimensão política da obra de Maria Isaura.

A dinâmica inaugurada pela relativa conjugação entre bairros rurais e parentelas emerge então como a relação mais característica de

³ Até 1930, teria havido apenas a passagem da solidariedade familiar à solidariedade de dominação pessoal, de elaboração mútua.

nossa estrutura socioeconômica tradicional. Gostaríamos de ressaltar que se o campesinato brasileiro era o ator social responsável pelos aspectos dinâmicos de nossa sociedade, a mudança social era explicada por Maria Isaura pela lógica imanente de nossa estrutura e organização social. Ao situar a mudança dessa maneira, Maria Isaura acentua a dimensão social da vida humana. Por isso, seus escritos possuem uma forte preocupação sociológica, embora ela recorra também às metodologias da história e da antropologia em sua análise. O fato de a dimensão sociológica ganhar tanto relevo em seus trabalhos talvez a impeça de elaborar uma teoria explícita de intervenção política e projetiva. Isso a singulariza em relação aos estudos sobre modernização e mudança social que tinham claramente esta proposta⁴.

Na análise da realidade brasileira sobressai a postura anti-etnocêntrica de Maria Isaura, ao não considerar inevitável o modo de ser moderno. A modernidade ocidental não era para ela uma meta necessária e absoluta de civilização. Ao contrário, julgava que a modernidade como conceito universal impedia a aproximação efetiva da realidade nacional e erigia a realidade brasileira como necessariamente falha ou lacunar, por conservar elementos considerados tradicionais. Para evitar a leitura normativa, ela constrói uma teoria que se fundamenta nos fenômenos empíricos e que deriva da observação de nossa estrutura e organização social. Daí seu apego à sociologia como método de análise (MORAES, 1999).

Sustentamos que, apesar disso, não se pode subestimar a dimensão política de seus escritos. Esse conteúdo está manifesto em sua caracterização da sociedade global e do mundo rústico. Acreditamos que a abordagem teórico-metodológica, com enfoque predominantemente sociológico, produziu uma teoria política inovadora justamente por situar a mudança na esfera social. Entretanto, sua sociologia não aparece apenas como método de análise, sendo também uma proposta para que o curso dos acontecimentos siga o ritmo imanente da sociedade brasileira: a dimensão sociológica. Este seria o ritmo mais favorável à inserção do campesinato na modernidade tal como Maria Isaura a definiu, ainda sob a égide das parentelas. É por abrigar esse projeto que consideramos que o pensamento da autora contém um viés, ainda que este tenha uma dimensão sociológica.

A sociologia feita na geração de Maria Isaura é considerada um “saber que trata por excelência das mudanças sociais, focalizando as

⁴ Referimo-nos especialmente às abordagens marxistas sobre a questão agrária brasileira que ganharam peso nas décadas de 1950 e 1960.

diferenças e desigualdades socioeconômicas dos grupos humanos” (VILLAS BOAS, 1999).

Segundo Gláucia Villas Boas,

É nesse cenário que se inscrevem as pesquisas de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o messianismo, sobre os cangaceiros, sobre o coronelismo, sobre a festa de São Gonçalo, tomando como objeto da sociologia as crenças, os estilos de vida, o poder político, os festejos, para examinar o conservadorismo, a reforma e a revolução. Sob a primazia da sociologia, reúne história e antropologia, construindo uma ponte entre o passado e o presente, que lhe garante uma posição muito peculiar no quadro da produção sociológica da sua geração.

Contudo, Maria Isaura foi a pesquisadora que inaugurou uma tradição sociológica singular, distanciando-se, sem descartá-la, da abordagem ensaísta do pensamento social brasileiro e de seus contemporâneos universitários — que em sua maioria se filiavam à escola americana e praticavam os chamados estudos de comunidades ou aderiam às ideias marxistas. Ao conjugar essas duas visões de mundo com a formulação da escola francesa de sociologia, Maria Isaura se destacou em relação aos seus companheiros de cátedra e inaugurou um método novo de investigação sociológica, que elegia o mundo rural rústico como seu objeto de estudo.

Apesar de sua abordagem apresentar predominância do método sociológico, percebe-se em seus escritos a preocupação com a dimensão política dos fenômenos estudados. A atenção dedicada aos processos de modernização e mudança social, tomando como referência de análise o mundo rústico, reflete isso, bem como os conceitos centrais de parentela e bairro rural, pois eles, além de explicar a persistência de relações pessoais no campo, revelam uma dinâmica social muito valorizada pela autora: a que não se instala a partir de um dualismo entre cidade e campo ou a partir de uma dialética de oposições entre fazendeiros e sitiantes. Com essa perspectiva sociológica, Maria Isaura não apenas questionou a perspectiva dualista adotada por seus antecessores, como também a perspectiva marxista afeita às polaridades dialéticas entre tradicional e moderno ou entre campo e cidade e camponeses e proprietários. Elaborou uma imagem nova do Brasil e do mundo rural com uma proposição clara: que o país reconhecesse o campesinato brasileiro como o ator dinâmico do mundo rural e, em consequência disso, adotasse um tipo de desenvolvimento mais adequado às suas necessidades. A suposta neutralida-

de atribuída a seu pensamento deriva do fato de que a modernidade caracterizada por ela como a mais adequada é a que provém do coro dialogado entre parentela e bairro rural e que supostamente traduz nossa “lógica imanente” pautada na dimensão sociológica. O viés do pensamento da autora revela-se dessa maneira porque, com essa opinião, Maria Isaura adere ao reformismo, ainda que de novo tipo, e condena toda mudança revolucionária ou abrupta que se dê fora dos auspícios do *statu quo* (a relativa conjugação entre parentela e bairro rural) (QUEIROZ, 1969 e 1972). Condena principalmente as propostas que avaliam as ambições campesinas como embrionárias do comunismo, considerando que elas originam quistos culturais não adaptáveis ao moderno. É dessa maneira que seu saber contribui também para o entendimento do conservadorismo e da transformação social então em curso no país.

Se definimos o *statu quo*, como a imbricação entre parentela e bairro rural é porque, na teoria de Maria Isaura, o imbricamento parcial entre as relações de vizinhança e as relações de dependência pessoal são características essenciais da sociedade brasileira. A solidariedade familiar, que é tida como a base social fundamental de nossa vida política, desde nossas origens até os tempos mais recentes, é vista como mitigada por esse imbricamento parcial, já que é ele que permite a barganha nas relações de dependência pessoal, explicando os avanços e permanências de nossa ordem social. A dinâmica fluida da parentela, por englobar também os bairros rurais, envolveria um intrincado sistema de dívidas e obrigações bilaterais que dariam origem a uma configuração vertical baseada em relações pessoais e ao mesmo tempo a barganha política. Em Maria Isaura, a dependência pessoal é vista como um tipo de relação complexa, envolvendo contraprestações de todos os agentes envolvidos, inclusive do grande fazendeiro (CARVALHO, 2010). Os bairros rurais acentuariam essa margem de manobra dos atores subordinados, mas de forma a respeitar os quadros da sociedade envolvente, afinal, Maria Isaura descreve com essa dinâmica um movimento reformista (ou sociológico).

Se esse ponto de vista situa a obra da pesquisadora em um lugar diferente daquele ocupado pelo pensamento social brasileiro, que concebia a sociedade como subproduto da vontade de um único ator social, geralmente o grande senhor de terras (BASTOS, 2006: 189, *apud* CARVALHO, 2010: 121), contudo, ainda assim, a categoria da parentela encerra ainda a dominação como constitutiva das relações da ordem brasileira tradicional. Isso porque as famílias extensas congregavam indivíduos de diferentes níveis socioeconômicos, mesmo quando essa

relação era indireta, como no caso das zonas de sitiantes ou dos bairros rurais. Entretanto, ao enxergar uma bilateralidade de dons e contradons nas relações pessoais, Maria Isaura sugere que a parentela gerava um tipo específico de solidariedade vertical que abria possibilidade de avaliação de vantagem e desvantagem, de escolha entre indivíduos hierarquicamente desiguais, principalmente nas áreas de agricultura dos sitiantes⁵. Mas ainda aí, lugar que a escolha era mais racional, a mudança se situava dentro da dinâmica reformista das parentelas⁶.

Desse modo, em Maria Isaura, a posição de mando é mitigada pela reciprocidade da prestação de favores. Com isso, ela faz a parentela se distinguir do conceito de patriarcalismo adotado pela tradição ensaística brasileiro. Ao explicar o mandonismo e o coronelismo pela existência, no Brasil rural, dessas famílias extensas montadas pelo imbricamento entre bairro rural e parentela, ela fornece a esses fenômenos políticos uma compreensão estrutural e organizacional bem diferente da explicação estritamente institucional elaborada por Vitor Nunes Leal (1976).

Maria Isaura parece sugerir que não se configurou no Brasil uma relação patrimonial típica. O senhor de escravos bem como o fazendeiro teriam de desenvolver uma capacidade de bem servir, fato que geraria obrigações a cumprir junto a seus subalternos. Contudo, ela não nega que a integração do mundo rústico à sociedade global se processava principalmente pela dominação política. Todavia, esta seria uma dominação que não excluía o conflito como parte constitutiva das relações internas da parentela. Apesar de a instituição do favor ser apontada pela pesquisadora como elemento constitutivo das famílias extensas, das fidelidades pessoais, da dominação entre indivíduos hierarquicamente desiguais, ela é vista também como a prática social que abriria espaço para a contestação dos agentes. Isso estaria

⁵ Os termos dom e contradom baseiam-se na teoria da dádiva de Marcel Mauss, que atesta a existência de um tipo de troca baseada na ideia da reciprocidade. A obrigação de dar e receber estabelece uma espécie de contrato que abre espaço para a negociação. A prática *do ut des* campesina envolveria segundo Maria Isaura, o mesmo grau de raciocínio pelo tipo de liderança que forma: *primus inter pares*.

⁶ O conteúdo reformista dessa dinâmica inaugurada entre a parentela e os bairros rurais é deduzido pela função conservadora que Maria Isaura atribui ao folclore, ao catolicismo e às instituições rústicas. Essa interpretação das instituições rústicas torna-se mais clara quando ela analisa os movimentos messiânicos. Assim como as demais manifestações e práticas rústicas, o messianismo tinha como pilar a lógica da ajuda mútua, lógica que, segundo a autora, era reformista.

demonstrado pela racionalidade na hora do voto em zonas de sítiantes pelos movimentos messiânicos, pelo canal de ascensão social individual aberto no meio rural, em que somente as qualidades pessoais do líder político importavam, e pela constante cisão entre as parentelas⁷.

Por meio da configuração das famílias extensas, Maria Isaura procura apontar a estrutura social que fomentaria relações pessoais no campo e na cidade, pelo menos até a década de 1950. Segundo ela, as bases extensas das parentelas teriam frustrado o desenvolvimento urbano como um espaço de democratização econômica e social. O fato de as cidades terem se desenvolvido sem revolucionar a ordem social pautada pelos laços pessoais teria permitido um novo modo de articulação e sobrevivência da parentela. Todavia, Maria Isaura não nega com isso que os grupos sociais no Brasil respondem criativamente ao contexto estrutural em que se inserem.

Desse modo, a fluidez que caracteriza a parentela (estratificada e não estratificada) impediu o engessamento total da ordem social brasileira. Por esse traço é que Maria Isaura entende a totalidade do mundo rural e da sociedade brasileira. A consequência dessa fluidez é que a subordinação, no Brasil, seria necessariamente mitigada, abrindo espaços pelos quais o homem rústico reagiu e expressou sua insatisfação.

Em seu livro dedicado ao campesinato, Maria Isaura se preocupa em identificar os fatores sociológicos que impediam as famílias camponesas, que não estavam sob a influência de um senhor rural nem das fazendas de monocultura, de cair em estado de anomia. Segundo ela, os grupos de vizinhança ou bairros rurais se formavam pelos laços de sangue, pelos laços de compadrio e de aliança, e possuíam como base a lógica da reciprocidade, a obrigação de dar e receber (ajuda mútua).

As práticas internas da comunidade camponesa ou dos bairros rurais que fundamentam suas regras de socialização, bem como fornecem contornos culturais nítidos e estruturam a dinâmica da vida rústica, são: mutirão, compadrio (laços formados por casamento, batismo ou de livre eleição pessoal), religião rústica, folclore. Todas essas instituições sociais rústicas estão permeadas, segundo a autora, pela lógica da reciprocidade, inclusive a visão camponesa de política, porque as relações vicinais são a base dos bairros rurais. Por se constituírem desta maneira, esses bairros formam entidades independentes

⁷ A autora afirma que o conflito entre famílias extensas era um mecanismo constitutivo das próprias parentelas, mas ele não chegava a desestabilizar a solidariedade familiar porque a presença de um inimigo externo despertaria na organização parental o sentimento de pertencimento ao grupo vertical.

do ponto de vista econômico e religioso; são organizações móveis, sem contorno geográfico muito bem definido, formadas pela reunião das famílias conjugais rústicas. Apesar de serem hierarquizados, os bairros rurais não se apresentam divididos internamente por uma estratificação social.

Os grupos de vizinhanças ou bairros rurais, com sua imprecisão e fluidez, seriam quadros de referência a partir dos quais o sitiante percebe a sociedade que o engloba. Para Maria Isaura, em sua forma de conceber a sociedade, por exemplo, o sitiante perderia a dimensão vertical imposta pela hierarquia de classes sociais. Em função disso, os bairros rurais se coadunavam parcialmente com a estrutura e a organização social mais ampla; por meio deles, o universo seria percebido também a partir da lógica das relações de parentesco e vizinhança, segundo a lógica da reciprocidade. Por esta razão, Maria Isaura também chama os bairros rurais de parentelas igualitárias. Por estabelecer esse imbricamento entre bairros rurais e parentelas, Maria Isaura considera que os camponeses estavam aptos a se inserir na modernidade brasileira, marcada pela interpenetração entre tradicional e moderno.

É importante lembrar que tradicional, na teoria da autora, se refere tanto à estrutura da parentela quanto à do bairro rural, porque ambos fomentariam relações pessoais, embora não excluíssem, ao mesmo tempo, a adoção de práticas comerciais ou capitalistas. Lembramos que, por isso, para Maria Isaura a parentela (estratificada e não estratificada) foi a principal célula de nosso desenvolvimento⁸.

Cabe aqui pontuar a menção feita por Maria Isaura à teoria de George Gurvitch e a dialética da complementaridade. O autor supõe que quando as diversas instâncias que compõem o real, ou seja, aquelas geradas, ao mesmo tempo, pelo determinismo estrutural (mais ligado ao plano da sociabilidade), pelo determinismo parcial (mais ligado à dinâmica das classes sociais) e pelo determinismo global (representado pela escala do eu, do nós e dos outros, do conjunto, portanto) relacionam-se tendo as forças produtivas como parâmetro, instala-se entre elas uma dialética de complementaridade que diminui a atuação das classes sociais e abre maior espaço para a liberdade individual. Essa circunstância é tida como positiva por Gurvitch porque, ao diminuir o acirramento entre as classes, permite que as diversas instâncias do real se congridem em torno de interesses afins,

⁸ A palavra célula em Maria Isaura possui a mesma acepção que se encontra no dicionário Houaiss, qual seja: grupo de pessoas com ideal e atuação afins (HOUISS, 2003).

qual seja, o desenvolvimento das forças produtivas. E, o que é mais importante, isso ocorreria ampliando-se a margem de liberdade individual, determinismo considerado por Gurvitch como o mais dinâmico no capitalismo. Maria Isaura parece crente nessa fórmula ao supor que enquanto campo e cidade no Brasil se relacionavam por meio de uma dialética de complementaridade, assim como fazendeiros e sítiantes, havia uma margem de manobra para as camadas inferiores, que se manifestava, principalmente, no plano individual por meio da barganha política. Essa situação é vista com otimismo pela autora porque permitiu a consolidação do campesinato brasileiro. Esse tipo de desenvolvimento marcado pela dialética de complementaridade que ela faz alusão tinha como pilar as parentelas e congregava todos os atores, inclusive os das camadas inferiores, em torno de uma dinâmica conservadora e reformista (VASCONCELLOS, 2014).

Apesar da obra de Maria Isaura atestar que o campesinato brasileiro teria dificuldades de se constituir como classe social, por estar envolvido em relações sociais permeadas pela lógica da reciprocidade, ela seria um dos primeiros contrapontos de uma vasta literatura brasileira que aponta a inexistência ou a extrema fragilidade da ação coletiva no Brasil entre grupos subalternos rurais, apesar da permanência de relações pessoais no campo (CARVALHO, 2010). Vale assinalar que esse agir, embora fosse conservador e reformista, gerava inovação social. Por isso, o otimismo da autora: sua teoria foi uma das primeiras a afirmar a existência de um campesinato no Brasil lançando mão de um referencial teórico não marxista. Com essa perspectiva inovadora, Maria Isaura fez ao mesmo tempo “uma crítica ao neo-evolucionismo, que acreditava que o desenvolvimento econômico levava à instauração de uma vida política mais racional e mais eficiente graças a um amplo processo de secularização que reduzia os espaços pessoais, afetivos e personalistas” (REZENDE, 2007, p. 92).

Maria Isaura faz também uma crítica à ensaística conservadora inaugurada por Gilberto Freyre. Entretanto, se o contraponto com a literatura marxista é patente, com a teoria de Gilberto Freyre ele é menos acentuado. É inegável que Maria Isaura elaborou uma imagem messiânica do Brasil, ou seja, ela concentrou-se no messianismo para a elaboração de uma teoria acerca do campesinato e do desenvolvimento brasileiro. Acredita-se que isso aconteceu porque esse fenômeno comprovava que as diversas instâncias produtivas que compunham o mundo rural não se alinhavam ainda segundo uma polaridade econômica. E mais: que a relação entre cidade e campo tampouco tinham

entrado em polarização dialética. A prova disso seria dada justamente pela presença de movimentos messiânicos conservadores e reformistas, que surgem quando não há ainda polarizações significativas na realidade social envolvente. Esses movimentos respondiam, segundo a autora, a uma crise de anomia, dos valores, portanto. A valorização dessa situação em que há ausência de polaridade entre as instâncias produtivas e as classes sociais também foi feita por Gilberto Freyre por meio da constatação de que o país seguia uma dinâmica rurbana (FREYRE, 1982). A descoberta dessa similaridade nos levou a aproximar os dois, apesar das significativas dissidências entre suas teorias, e afirmar um viés conservador na obra de Maria Isaura.

A decadência dos bairros rurais e a fiação do processo urbanizante que começavam a alterar a relação entre cidade e campo, bem como a antiga inserção dos camponeses na sociedade, são relativizadas pela constatação da presença de movimentos messiânicos de caráter reformista. Estes seriam a prova de que a modernização brasileira ainda se dava, sobretudo, no campo dos valores. Ainda era possível defender a presença do campesinato brasileiro na modernidade. A decadência dos bairros rurais seria ainda reversível porque, também eles, como o messianismo, seriam dependentes da relação de reciprocidade dialética entre campo e cidade. Por essa razão, a despeito de ver com mais otimismo a liderança propiciada pelos bairros rurais, Maria Isaura prefere compor uma “imagem messiânica de Brasil” (QUEIROZ, 1972).

O pensamento de Maria Isaura suscita dúvidas se realmente há a ausência de um viés normativo na sua obra diante da conjuntura política que se estende da década de 1950 até fins dos anos 1970. Afirmamos isso tendo como base a impressão de que a autora fazia uma defesa de que o desenvolvimento brasileiro deveria ainda ser tributário daquela dinâmica de adaptações sucessivas entre bairro rural e parentela e entre tradicional e moderno. É nessa relativa conjugação que Maria Isaura supõe que os camponeses conseguirão subsistir como uma população autônoma na modernidade. A ausência de normatividade atribuída à obra de Maria Isaura viria do fato de que esse imbricamento é identificado por ela como a nossa lógica social imanente, como nossa sócio-lógica.

Considerações finais

O objetivo central do trabalho foi compreender o tipo de mudança social que Maria Isaura achava possível e factível para o Brasil daquela conturbada época, diante de seu diagnóstico da presença da

lógica *do ut des* no mundo rural e sua centralidade para se entender o comportamento do campesinato, pelo menos até a década de 1970. Perguntamo-nos qual o *status* da transformação social que a sociedade brasileira, tal como a autora descreve, marcada pelas acomodações sucessivas entre tradicional e moderno, admitia. Buscou-se evidenciar também o que levou a autora a não acreditar que a modernidade do tipo ocidental e a revolução social seriam destinos inevitáveis de nossa organização social. Para Maria Isaura, as relações de vizinhança eram permeáveis à lógica capitalista e por isso podiam ser salvaguardadas, desde que se respeitasse a lógica conservadora reformista ditada pelas parentelas, qual seja, aquela que instalava uma relação de complementaridade entre as classes sociais e entre campo e cidade. A autora, embora reconhecesse que essa dinâmica tinha um ritmo conservador e reformista, viu com otimismo essa dinâmica societal pelo fato de ela permitir a sobrevivência do campesinato no mundo moderno.

Referências bibliográficas

- CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios e modos de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.
- CARVALHO, Lucas Correia. *Tradição e transição: mundo rústico e mudança social na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Dissertação de Mestrado, IFCS/UFRRJ, junho de 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Rurbanização: o que é?* Recife: Massangana, 1982.
- LEAL, Vitor Nunes Leal. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: UNESP, 2002.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Contribuição para o estudo da sociologia política*. Congresso Brasileiro de Sociologia Política, Anais... São Paulo, 1955.
- _____. *Tambaú, cidades dos milagres*. In: *Estudos de Sociologia e Folclore*. São Paulo: Editora Anhembi, 1957.
- _____. *Sociologia e folclore: a dança do São Gonçalo num povoado baiano*. Bahia: Editora Livraria Progresso, 1958.
- _____. *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: separata da *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, vol. XVII, p. 63-208, 1963.
- _____. *Le paysan brésilien traditionnel et la perception desétendues*. In: *Perspectives de la sociologie contemporaine. Hommage a Georges Gurvitch*. BALANDIER, Georges; BASTIDE, Roger; BERQUE, Jacques e GEORGE, Pierre (Orgs.). França: PRESS UNIVERSITAIRES DE FRANCE 108, Boulevard Saint-Germain, 1968.
- _____. *Historia y etnologia de los movimientos mesiánicos. Reforma y revolución em las sociedades tradicionales*. México: Siglo XXI Editores, S. A., 1969.
- _____. *Images messianiques du Brésil*. Guernavaca, México: SONDEOS (Una colección de estudios sobre el fenómeno religioso en América Latina), n. 87, 1972.
- _____. *Singularidades socioculturais do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 16, 1975.
- _____. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976a.
- _____. *Cultura: sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Alfa-Omega, 1976b.
- _____. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976c.

- _____. O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo: Alfa-Omega, 1976d.
- _____. Uma nova interpretação do Brasil: A contribuição de Roger Bastide à sociologia brasileira. São Paulo: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n. 20, 1978.
- _____. (Org.). A nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide. In: BASTIDE, Roger. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. Les anées brésiliennes de Roger Bastide. França: Bastidiana, Cahiers d'études bastidiennes, n. 1, 1993.
- _____. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. São Paulo: *Estudos Avançados*, 8 (22), 1994.
- _____. Foretan Fernandes: um trabalhador intelectual fora de série. *Cadernos CERU*, Série 2, n. 7, 1996.
- _____. Seigneurs ruraux et pouvoir local dans la vie politique brésilienne. Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2000.
- _____. O Brasil dos cientistas sociais não brasileiros: ensaio metodológico. São Paulo: *Cadernos CERU*, Série 2, n. 18, 2007.
- _____. Enigmas de uma definição do ser brasileiro. In: LUCENA, Célia T. et al., (Orgs.). *Pesquisa em ciências sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. São Paulo: CERU, 2008.
- _____. Uma categoria rural esquecida. In: WELCH, Clifford A.; MALAGODI, Edgard; CAVALCANTI, Josefa S. B.; WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (Orgs.). *Leituras e interpretações clássicas*. v. 1, São Paulo: Editora UNESP; Brasília, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento do Rural, 2009.
- REZENDE, Maria José de. *Understanding social change in Brazil: The work of Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Fonte: Athenea Digital Jose, 2007.
- VASCONCELLOS, Dora Vianna. *Sociologia política e utopia camponesa de Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Uma categoria rural esquecida: os desafios permanentes da sociologia rural brasileira. Uma homenagem a Maria Isaura Pereira de Queiroz*. Marília (SP), V Jornada de Ciências Sociais. Jornada de Estudos Maria Isaura Pereira de Queiroz, 22 a 26/08/1994. Mesa redonda Vida camponesa: cultura e tradição.

VASCONCELLOS, Dora Vianna. Maria Isaura Pereira de Queiroz: uma Interpretação sobre o desenvolvimento brasileiro e seus processos de inovação social. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro de 2014, vol. 22, n. 2, p. 343-359, ISSN 1413-0580.

Resumo: (*Maria Isaura Pereira de Queiroz: uma interpretação sobre o desenvolvimento brasileiro e seus processos de inovação social*). O texto tem como objetivo ressaltar que a sociologia política de Maria Isaura Pereira de Queiroz não se constrói apenas como um método de análise. Ela é também uma interpretação acerca de como se processava a mudança na sociedade brasileira até meados de 1950. Para a autora, os aspectos dinâmicos de nossa formação social obedeciam à lógica social ditada pelas parentelas, embora tivessem no campesinato sua força propulsora. Ainda que por isso tivessem um viés conservador e reformista, abriam espaço para a inovação social de tal modo a permitir um campesinato brasileiro na modernidade. Daí o otimismo de Maria Isaura em relação a essa dinâmica social ditada pela dialética de complementaridade, o que explicita um significado político na obra da autora.

Palavras-chave: pensamento social brasileiro, sociologia política, campesinato.

Abstract: (*Brazilian social dynamic in Maria Isaura Pereira de Queiroz*). The intention is to emphasize that the political sociology of Maria Isaura Pereira de Queiroz is constructed not only as a method of analysis but also as an interpretation of development and of how national society changed up to the mid-1950s. To the author, the dynamics of our social structure follows the social logic of 'parentelas' although the peasantry was its dynamic element. Therefore, despite its conservative and reformist tendencies, Brazilian society gives vent to social change since it allows the coexistence of a Brazilian peasantry alongside capitalist modernity. Hence, the optimism of Maria Isaura regarding this social dynamic based on a dialectic of complementarity which explains the political significance of the author's work.

Key words: Brazilian social thought, Sociological politic, peasantry.

Recebido em outubro de 2014.

Aceito em dezembro de 2014.